

---

## ***"Onde a esquerda estava entre 2013 e 2018?": uma análise do Instagram do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra<sup>1</sup>***

Ana Luiza SOUZA<sup>2</sup>

Antonino CONDORELLI<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### **RESUMO**

Este é um estudo sobre as estratégias comunicacionais de formação política da esquerda brasileira entre os anos de 2013 a 2018. Aqui, o campo político é representado pela figura do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e o seu perfil oficial no Instagram é o objeto da análise cartográfica realizada com o intuito de mapear as principais categorias de estratégias comunicacionais adotadas pela organização de esquerda no contexto político. Ao longo da pesquisa, foi se percebendo que o processo de despolitização esvaziou seu discurso de significado. Em razão disso, entende-se a necessidade de desenvolver estratégias de comunicação que disputem com a narrativa despolitizadora.

**PALAVRAS-CHAVE:** esquerda; MST; comunicação contra-hegemônica; formação política; despolitização.

### **1 INTRODUÇÃO**

Devido a uma série de eventos políticos que tiveram seu ápice em 2013, a política brasileira vem passando por conjunturas complexas. Em um cenário de despolitização, desinformação e ultra política (FERNANDES, 2019), as definições de esquerda e direita se tornam cada vez mais nebulosas. Paralelo a isso, novos meios de comunicação foram surgindo ao longo do tempo e os movimentos sociais, notando que o domínio desses novos meio vem, ao longo dos anos, se tornando cada vez mais decisivo para a luta política, perceberam a necessidade de ocupá-los e de usá-los também como instrumento de conscientização e mobilização (FONSECA, 2011).

Porém, dentro deste contexto político, a esquerda brasileira, cada vez mais fragmentada, vem tendo dificuldades em construir sínteses entre si; e mais ainda em

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup>Graduada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda na UFRN, e-mail: [analuzasouzadantas98@gmail.com](mailto:analuzasouzadantas98@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho, professor e doutor em comunicação e-mail: [maria.santo@gmail.com](mailto:maria.santo@gmail.com)

---

comunicar seu projeto político e reafirmar suas pautas para fora de si (FERNANDES, 2019).

Diante disto, esse trabalho científico se propõe a estudar as estratégias comunicacionais que foram abordadas pela esquerda brasileira com foco em formação política, mirando principalmente nos eventos políticos ocorridos entre os anos de 2013 a 2018 – em razão dos resultados desses eventos que ressoam até hoje, em 2022. Para isso, tendo em vista a relevância da organização, será analisado o *feed* do Instagram do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), o maior movimento de esquerda da América Latina e um dos principais atores da esquerda brasileira.

## **2 ESQUERDA E COMUNICAÇÃO CONTRA-HEGEMÔNICA**

Neste trabalho, falamos de esquerdas; e das diversas possibilidades, de teoria e ação, que se abrem a partir desse campo ideológico, político e narrativo.

Analisando o surgimento da expressão política “esquerda”, entende-se que o termo foi utilizado pela primeira vez para se referir a uma ala dos posicionamentos parlamentares que surgiram a partir da Revolução Francesa e dos desenvolvimento do jacobinismo. O termo Jacobino, nessa época, se referia a um partido específico atuante na Revolução, que possuía um determinado programa e método radicalmente democrático, “caracterizado por uma extrema energia” (GUIDO, LIGUORI, VOZA, 2017, p. 443). Nesse caso, a expressão referia-se literalmente à posição que os parlamentares ocupavam nas assembleias. Do lado esquerdo, encontrava-se aqueles mais alinhados à baixa burguesia e aos trabalhadores; representados, principalmente, pelos Jacobinos (FERNANDES, 2021).

Como qualquer outro campo ideológico, a esquerda possui bases e propósitos fundamentais e definidores de sua existência. É sobre essas bases e propósitos que iremos discutir para, então, entender o que é ser de esquerda atualmente no contexto brasileiro. Segundo Vladimir Safatle (2013), a política é essencialmente a decisão daquilo que será visto como inegociável, e não simplesmente a arte da negociação e do consenso. A partir disso, a definição do que é esquerda mora justamente no debate do que é inegociável para esse campo político.

Outro aspecto que define o campo da esquerda, ainda segundo Safatle (2013) é a leitura do sujeito, e não somente do indivíduo. Sendo assim, a noção de liberdade para a

---

esquerda não se resume ao direito de defender as propriedades e interesses particulares dos indivíduos. Afinal de contas, para muitas pessoas, devido às próprias condições geradas pelo capitalismo, não há condição material ou social de se afirmar a individualidade desejada (SAFATLE, 2013).

Seguindo a linha de pesquisa da Sabrina Fernandes (2019) em seu doutorado, entendemos que há no Brasil duas esquerdas atuantes: a moderada e a radical. Como citamos no início desta pesquisa, ainda de acordo com Fernandes (2019), a classe trabalhadora é o sujeito central da esquerda. Dessa forma, é o quanto uma organização de esquerda insere esse sujeito no centro da sua teoria-prática que determina se ela é moderada ou radical.

Para falar de comunicação contra-hegemônica, é preciso compreender que todo discurso é uma forma de transformar uma ideia em realidade (WISTUBA, 2017). Tendo em vista isso, a partir do século XX, os movimentos sociais passaram a ter consciência da necessidade de usar os meios de comunicação que estavam, e estão surgindo até hoje, como ferramenta de mobilização de social para contestação do *status quo* e proposição de alternativas de outros modelos de sociedade - criando, assim, discursos e narrativas para transmitir suas ideias.

A partir dessa percepção, diversos atores de movimentos sociais iniciaram o processo de criação e difusão de veículos de comunicação popular. A esse movimento nós damos o nome de comunicação contra-hegemônica. Uma vez que ela contesta a ordem hegemônica do modelo social, cultural e político que vivemos. (FONSECA, 2011).

Levando em conta o que o autor Wistuba (2017), citando indiretamente Bakhtin (2002), fala sobre o ato de se comunicar; comunicação não é apenas troca de informações entre o emissor e receptor, entendemos que a informação vem carregada de variáveis socioculturais do interlocutor – além de sofrerem influência de acordo com as relações sociais e hierarquias postas no momento sociopolítico.

A teoria da Hegemonia Cultural, desenvolvida por Gramsci, diz que o Estado Burguês se sustenta não somente pela propriedade dos meios de produção e até mesmo do poder opressor das armas, mas também pela construção de um aparato simbólico, ou seja, discursos e narrativas que o legitima diante das massas. O domínio dos meios de comunicação vem, ao longo dos anos, se tornando cada vez mais decisivo para a luta

---

política; não só pelo seu teor combativo de disputar narrativas entre esquerda e direita, mas também relacionado ao fato de que, sem acesso aos meios de mídia, a efetiva participação dos sujeitos na vida política e na opinião pública, de forma consciente e ativa, se torna inviável (FONSECA, 2011).

As grandes mídias podem até não conseguirem ser definitivas em sua influência sobre como as pessoas vão pensar; mas, definitivamente, determina o que as pessoas vão pensar (CHARAUDEAU, 2013). Como conta André Fonseca (2011), em seu artigo “A comunicação nos movimentos sociais: do panfleto do protesto à educação para a cidadania”, a comunicação desenvolvida pelos movimentos sociais têm o desafio permanente de sensibilizar para suas causas e mobilizar sua comunidade. Afinal, ao obter o apoio da opinião pública, a causa será então legitimada (FONSECA, 2011).

Com o surgimento de novos meios de comunicação, impulsionados principalmente pela Internet, a comunicação popular ganhou ainda mais protagonismo. Se utilizando do alcance da internet e da sua facilidade em formar uma rede de pessoas ligada a uma causa, os movimentos sociais buscaram fortalecer suas ações e aproximar as pessoas em torno das suas lutas e dos seus projetos de luta (WISTUBA, 2017).

O mais importante de se ter em mente é que a comunicação contra-hegemônica ou popular não se caracteriza somente pela forma acessível que se comunica ou se produz: mas também em relação ao conteúdo que é posto pelo interlocutor. Também é essencial entender que, principalmente no Brasil, há milhares de pessoas à margem dessa sociedade da informação; ou seja, ou sem acesso à internet e às redes sociais ou sem o letramento adequado para utilizar o acesso digital de forma ampla e independente (WISTUBA, LIMA, 2017).

### **3 UM RESUMO DA NARRATIVA POLÍTICA DE 2013 A 2018**

Como afirma a socióloga Sabrina Fernandes (2019), a conjuntura política desde junho de 2013 é complexa, confusa e difusa. De acordo Safatle (2013), o período de despolitização que o Brasil vive atualmente acontece após um período de intensa politização, marcado sobretudo pelo período de redemocratização pós-ditadura, onde a luta pelos direitos civis e eleições diretas se fizeram muito presentes. É justamente nesse período que a esquerda brasileira - na figura do PT (Partido dos Trabalhadores), CUT

---

(Central Único dos Trabalhadores) e MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) - tem grande destaque na tarefa de politização da população.

Nos últimos anos, é possível enxergar uma esquerda extremamente acomodada aos limites institucionais atuais e um avanço da extrema direita<sup>4</sup>, com fortes tendências alinhadas às experiências fascistas, em grande parte do mundo, inclusive no Brasil, tendo como representante principal o atual presidente, Jair Bolsonaro.

Em junho de 2013, quando as manifestações por todo o Brasil se tornaram maiores e mais frequentes, uma parte da esquerda viu esse processo como o redescobrimto das ruas depois de um longo período de desmobilização vertical por parte da institucionalidade dos governos petistas (FERNANDES, 2019). O fato de o movimento nas ruas ter começado tendo como principal demanda a luta contra o aumento da tarifa do transporte público, puxada principalmente pelo MPL (Movimento Passe Livre), um movimento de esquerda pelo direito à cidade, favorece essa interpretação. Porém, com o passar das semanas, as demandas que iam para os cartazes nas ruas foram aumentando. Formando o famoso mote “*não é só por 20 centavos*”, as pautas dos protestos de junho de 2013 incluíam a luta contra a corrupção, a falta de representatividade política geral, entre outras.

Esse processo de despolitização foi decisivo nos próximos passos da política brasileira. Principalmente, após a eleição acirradíssima e polarizada entre Aécio Neves (PSDB) e Dilma Rousseff (PT) pela Presidência da República em 2014; que foi sucedida pelo governo de Dilma e suas falhas táticas. As circunstâncias econômicas mundiais e a busca por governabilidade levaram a presidenta a optar por medidas cada vez mais neoliberais de austeridade, ainda que com uma certa resistência que incomodava boa parte da direita. A partir desses conflitos, muitos pedidos de impeachment surgiram, todos, até então, com justificativas não consideradas suficientes para tirar a presidenta do poder. Até que um deles foi aceito e Dilma foi derrubada, colocando Michel Temer (PMDB) no poder (FERNANDES, 2019).

Durante os processos político-jurídicos que levaram à prisão de Lula, o Partido dos Trabalhadores (PT) adotou uma estratégia de comunicação simbólica que, segundo

---

<sup>4</sup> Gramsci foi um dos principais teóricos marxistas a estudar as variações autoritárias no campo da direita e o conseqüente desenvolvimento do fascismo. De acordo com Gramsci, o Fascismo surge com uma nova forma de reorganização do sistema capitalista sob a lógica de um Estado de Exceção; uma reação política dos setores hegemônicos em meio a crises ocorridas dentro do próprio sistema. Para o filósofo, o fascismo é a violência capitalista em sua própria ilegalidade (1921).

---

Fernandes (2019), visava transformar o ex-presidente em um mito; muito mais uma ideia do que uma pessoa. Enquanto isso, uma outra parcela da esquerda, inclusive uma parcela petista, focava à comunicação contra a prisão de Lula na ilegitimidade do processo jurídico tocado por Sérgio Moro – depois Ministro da Justiça de Jair Bolsonaro.

Em meio ao caos político que foi se intensificando no Brasil de 2013 em diante, o processo de despolitização foi se tornando cada vez mais evidente. Neste trabalho, entende-se a despolitização como um interesse da direita - embora também haja despolitização por meio da esquerda, ela não é interessante para o seu projeto político. Sendo a política, em seu sentido gramsciano, orientada à emancipação dos sujeitos, ela deve ser domínio e interesse da esquerda. Além disso, ainda que haja intelectuais e pessoas politizadas a direita, entende-se o projeto político da direita como naturalmente despolitizador, uma vez que o interesse das classes dominantes, refletido no projeto político da direita, é que cada vez menos pessoas tomem consciência da realidade e da possibilidade de mudá-la, a partir da construção coletiva (FERNANDES, 2019).

### **Movimento dos Trabalhadores Sem Terra**

O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra surgiu em 1984, com o propósito de denunciar uma das maiores concentrações de terra do mundo e lutar pela reforma agrária no Brasil. Dessa forma, o movimento adota a tática-estratégica de ocupar as terras griladas ou improdutivas de grandes latifúndios – que foram, historicamente, herdadas do período colonial e escravocrata e/ou conquistadas e compradas a partir dessas heranças. Além de servir como lar e sustento para as famílias Sem Terra, segundo o próprio MST, “a ocupação gera o fato político, que demanda uma resposta do governo em relação à concentração de terras no Brasil” (MST, 2021, site oficial).

As mobilizações do MST foram essenciais para as eleições petistas, sobretudo em 2014. Por essa ligação entre as suas lideranças e militâncias e as lideranças e militâncias petistas (que, na época, ocupava a presidência), o movimento também também foi atingido por processos de desmobilização entre 2002 e 2016. Porém, o MST cultivava uma certa autonomia em algumas de suas bases regionais, o que os mantiveram ainda mobilizados e fizeram suas lideranças manterem a defesa pública e oficial aos governos do PT muitas vezes em tom de crítica (FERNANDES, 2019).

---

Outros motivos para isso pode ter sido a forte tradição de pedagogia crítica, foco em formação política contínua e prática da mística cultural - o que constrói um alinhamento recorrente junto à base com a causa e com os propósitos do movimento e dificulta seguir qualquer caminho político que vá contra a eles, ainda que por um “bem maior” (manter um governo de esquerda no poder). Nesse sentido, o MST entende a pedagogia crítica no sentido freiriano - no processo de aprendizado o indivíduo torna-se sujeito de si de forma autônoma, a partir da sua própria reflexão sobre a realidade e os fluxos de consciência apresentados (FREIRE, 1996). Já enquanto a mística cultural, o movimento entende que a Reforma Agrária pressupõe também uma revolução cultural.

Ainda segundo Fernandes (2019), só em 1997, o MST conseguiu levar 100 mil manifestantes à Brasília contra o governo do então presidente Fernando Henrique Cardoso. Enquanto isso, outras manifestações futuras organizadas junto a outras organizações de esquerda como a CUT, o PT, PCdoB e a UNE (União Nacional dos Estudantes) levaram apenas 50 mil manifestantes para São Paulo.

Com a repressão aumentando, a desinformação cada vez maior sobre o MST e sua capacidade de mobilização diminuindo, o Movimento encontrou justamente, na internet e nos meios digitais, o espaço e a ferramenta para combater as narrativas manipuladas e distorcidas que circulam ao seu respeito, denunciar a repressão vivenciada, conscientizar e mobilizar para sua causa e projeto político.

#### **4 ANÁLISE**

O perfil oficial no Instagram do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) conta hoje com mais de meio milhão de seguidores e foi criado apenas em 2017. As postagens, inicialmente, não tinham muito padrão ou identidade visual que delimitasse a ocupação do movimento naquela rede. Os conteúdos dos posts iniciais variavam entre participações em eventos, manifestações, imagens de ocupações e/ou atividades de formação política e mística cultural.

Além disso, havia posicionamentos políticos, que delimitavam seu projeto de sociedade para além da pauta central como, por exemplo, a postagem no Dia Internacional de Luta contra à LGBTfobia, onde se afirmava que “*Sangue LGBT também é sangue sem terra!*”. As legendas deste tipo de post eram, quase sempre, compostas por uma linha de raciocínio que buscava esclarecer, de forma pedagógica, o

---

porquê aquela medida, acontecimento ou fenômeno se constituía, de acordo com a visão política do MST, um retrocesso ou um avanço à classe trabalhadora.

Outro segmento de postagem bastante comum no período inicial de criação do perfil do MST no Instagram eram aquelas que exigiam Diretas Já e buscavam conscientizar o público do porquê ela era necessária. Nesse período, a pauta central da esquerda era o #ForaTemer. Na visão do MST, a #DiretasJá era o método mais legítimo de resolver a crise política posta.

Em julho de 2017, se tornaram mais comuns postagens com imagens que denunciavam a repressão sofrida pelo MST, tanto pelo Estado quanto pelos latifundiários. O objetivo das fotos era servir como “prova material”, principalmente quando lembramos que a despolitização intensificou a desinformação e fake news quanto ao MST.

Além disso, uma outra estratégia adotada pelo MST para combater a onda de desinformação crescente, foi compartilhar no perfil do Instagram sua produção de alimentos saudáveis ao longo de todo país e também as doações que eram e seguem sendo realizadas em zonas marginalizadas. Esse tipo de postagem servia como contra-argumentação a vários discursos falaciosos de que o MST não trabalhava e não produzia, refletidos até mesmo em xingamentos como “vagabundos”.

Uma das fortes características do MST que ajudou a fortalecer a unidade política do movimento frente à desmobilização foi a mística cultural. A partir de agosto de 2017, as postagens sobre a cultura e a arte ligadas à luta camponesa, ou até mesmo produções artísticas realizadas pelo próprio MST, se tornaram mais frequentes no perfil. Esse tipo de postagem continuou sendo usada frequentemente e ganhando cada vez mais destaque e protagonismo na conta oficial do MST no Instagram.

Nos últimos meses de 2017, o número de curtidas nas postagens começou a crescer de forma mais ampla, tendo mais de 200 curtidas na maioria dos posts. Nesse período, o MST começou a divulgar com mais frequência e detalhes, os momentos de formações políticas promovidos pelo movimento. Logo no começo de 2018, tornou-se comum a frequência de mais de um post por dia. Em janeiro, a comunicação do perfil se focou bastante na comemoração aos 34 anos do movimento com postagens que retratam a história do MST e à luta a favor do ex-presidente Lula (PT), onde as hashtags #CadêAProva e #EleiçãoSemLulaÉFraude são usadas recorrentemente nos posts.

---

Em fevereiro de 2018, o MST bateu os 10.000 seguidores no perfil do Instagram em menos de um ano de sua criação. Foi também nesse período em que as postagens contra a Reforma da Previdência aumentaram. Na legenda de algumas dessas publicações, além de comunicar a realização da mobilização, o MST trazia também a perspectiva do porquê aquela mobilização estava acontecendo e quais eram os principais pontos negativos da Reforma da Previdência tocada por Michel Temer.

Além disso, foi em 14 de março de 2018 que a então vereadora da cidade do Rio de Janeiro Marielle Franco (PSOL) foi assassinada. A partir desse trágico acontecimento, as mobilizações e publicações de março focadas no feminismo popular se direcionaram bastante para a figura da vereadora. As postagens sobre Marielle fizeram questão não apenas de exaltar a mulher política que ela foi, mas também de trazer as problemáticas que envolviam sua execução e o que isso significava para a política brasileira e para o projeto pelo qual o MST e a esquerda brasileira lutavam.

Em abril de 2018, as postagens sobre Lula se intensificam mais uma vez, dessa vez tendo a hashtag #LulaLivre como protagonista. Nessas postagens, o MST declarou seu apoio ao presidente Lula de forma mais passional; onde as motivações políticas e as decisões ilegítimas do processo jurídico não tiveram tanto destaque.

Já no fim de abril, uma das postagens sobre a tentativa de reintegração de posse do Acampamento Edson Nogueira chamou atenção em relação a seu teor conscientizador. No decorrer da legenda deste post, o perfil do movimento tocou em pontos importantes para a sua pauta central; falando da função social da propriedade, sobre as problemáticas sociais e ambientes que envolvem latifúndios, entre outras questões para contra-argumentar desinformações e/ou *fake news*.

Já no fim de maio, uma série de 2 posts com a hashtag #DitaduraNuncaMais se destaca bastante no quesito potencial politizador. Nessas postagens, curtas e objetivas, o MST trazia ilustrações baseadas em fotos reais de repressão policial durante a Ditadura Militar e aborda a censura da imprensa e contra-argumentam a falsa afirmação de que não existe corrupção em um regime militar.

No meio de Junho, surgiu uma pauta urgente na política brasileira que tinha relação direta com a causa central do MST: a luta contra os agrotóxicos. No dia 25 de julho, o perfil do MST realizou uma postagem, em formato de carrossel, em homenagem ao Dia do Trabalhador Rural; esse post se destaca em relação ao seu

---

potencial politizador pois traz a dados importantes sobre a agricultura familiar no Brasil e o seu grande impacto na economia e na alimentação da população brasileira.

No fim de setembro, cada vez mais próximo das eleições que elegeram Jair Bolsonaro à presidência e em paralelo a uma onda crescente e polêmica de *fake news*, vemos uma postagem interessante à análise do trabalho. Entre as mais variadas notícias falsas e desinformações que corriam entre a população brasileira, principalmente por meio de disparos no WhatsApp em grupos a favor de Bolsonaro<sup>5</sup>, uma narrativa bastante comum de ser encontrada era o famoso discurso de que o PT iria transformar o Brasil em “uma Cuba” e/ou “Venezuela”. Diante desse cenário, a publicação realizada no Instagram do MST no dia 26 de setembro exigiu coragem do movimento para defender seu projeto político; o post consistia em uma foto de Aleida Guevara, filha do Che Guevara, em uma conversa com os militantes do MST, onde na legenda encontrávamos parte do discurso de Aleida que conversava sobre a atual situação de Cuba. Apesar da legenda tocar em pontos importantes acerca da situação cubana perante à população e ao mundo, ela não aprofunda o suficiente nem traz fatos e dados que politizem sobre a realidade concreta da situação de Cuba pela visão do projeto político do MST e da esquerda brasileira. Sobre essa postagem, então, nós nos deparamos com dois aspectos opostos. Por um lado positivo, o MST não temeu em “pôr na mesa” seu projeto político, tal como Safatle (2013) orienta ser necessário à esquerda na conjuntura então posta após as derrotas do século XX; já por um lado mais negativo, o movimento expôs em sua comunicação uma temática extremamente delicada no atual contexto político, de forma superficial e sem desenvolver o devido esforço de politização necessário.

Faltando apenas 8 dias para o 2º turno das eleições disputadas entre Haddad (PT) e Bolsonaro (na época, PSL), uma postagem se destaca entre o feed do Instagram do MST. Nesta publicação, uma convocação aos atos que ocorreriam no dia 20 de Outubro de 2018 contra Bolsonaro, a estética e a narrativa parecem mudar de estratégia; no post, não trata-se mais de comunicar e defender um projeto político popular alinhado à esquerda, mas de defender o amor à pátria Brasil, sua democracia e seus direitos.

---

<sup>5</sup> EL PAÍS. A máquina de ‘fake news’ nos grupos a favor de Bolsonaro no WhatsApp.

Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537997311\\_859341.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537997311_859341.html)>. Acesso em: 25 jun. 2021.

---

Dessa forma, como comentado por Fernandes (2019), o conteúdo político é esvaziado, não se debatendo mais projetos.

Com a vitória já dada de Jair Bolsonaro no final de outubro, as publicações do Instagram do MST passaram a refletir uma necessidade urgente de continuar a mobilização iniciada na segunda fase das campanhas eleitorais. Uma preocupação pontuada nas postagens do MST era não deixar o sentimento de medo se apoderar da capacidade militante da esquerda e da população como um todo.

Ao realizar uma análise cartográfica das publicações do *feed* do perfil do MST no Instagram, desde a sua criação até o fim de 2018, é possível mapear categorias de estratégias de comunicação e de construção de discurso que possuem impacto (positivo ou negativo) e/ou potencial (executado ou não executado) de promover o enfrentamento à despolitização. Dessa forma, as postagens do feed do MST que foram comentadas acima e formaram as categorias abaixo dizem respeito às publicações que, propositalmente ou não, traziam incubidas em si propósitos de politização.

A primeira categoria a se destacar durante o processo de mapeamento foi a de publicações de teor informativo. Apesar de representar uma pequena amostra das publicações, esse tipo de postagem é essencial em um processo de politização e criação de percursos de consciência que levem a uma interpretação autônoma da realidade. É notável que a frequência dessa categoria de posts necessitava ser maior e mais esclarecedora entre os períodos de 2017 a 2018.

A segunda categoria a se destacar no processo de mapear essas estratégias foi a de publicações que delimitavam o projeto político do MST. Nesse sentido, podemos encontrar várias postagens que vão além da luta pela democratização da terra e tratam de pautas como a luta contra a LGBTfobia, o machismo, o racismo, regimes ditatoriais e práticas políticas internacionais. Todos esses posicionamentos eram tomados a partir de uma leitura feita pelo MST em que o principal aspecto analisado era o quanto aquele passo político era considerado um avanço ou retrocesso para a classe trabalhadora.

Seguindo em um caminho semelhante, a terceira categoria de estratégia mapeada é a de publicações que buscavam conscientizar sobre as posições defendidas pelo MST na atual conjuntura. Esta categoria se refere diretamente aos eventos políticos ocorridos no Brasil entre 2017 e 2018. Dentro dela, está as postagens que defendiam o Fora Temer, Lula Livre, Ele Não, a luta política em nome de Marielle, contra o PL *do Pacote*

---

*de Veneno*, entre outras. Nesses casos, a necessidade de ser pedagógico segue se fazendo bastante presente; pois, para além de fatos e dados, é preciso trazer construções de argumentos consistentes, baseados na realidade material. Ainda que em algumas postagens dessa categoria essa composição de argumentos tenha se manifestado, na grande maioria delas houve uma ausência significativa. Nessa ausência, o discurso era construído apenas do ponto de vista daqueles que já tinham suas posições. Este é um fenômeno que mostra a dificuldade da esquerda brasileira em comunicar para fora, e não somente para dentro de si (FERNANDES, 2019).

Numa quarta categoria mapeada, encontramos uma estratégia de comunicação voltada à publicações que conscientizam sobre a luta histórica do MST. O Movimento buscava contar a história a partir da própria perspectiva, dentro de um espaço possível de ter essa liberdade comunicacional. Essa categoria pode ser considerada, de acordo com o termômetro do mapeamento realizado, uma das categorias estratégicas mais consistentes e bem trabalhadas no Instagram do MST dentro do período analisado.

A quinta categoria encontrada no mapeamento foi a de publicações que denunciam as repressões sofridas pelo MST. Assim como o movimento enxergou no seu perfil uma oportunidade de combater as desinformações sobre si e de contar sua atividade política a partir do seu ponto de vista, ele também usou do espaço dessa rede social para denunciar e comprovar as repressões e violências das quais eram alvos.

Por fim, a sexta e última categoria mapeada durante a análise corresponde às publicações de teor cultural e/ou artístico. A ligação entre o MST e a mística cultural já foi pontuada diversas vezes. O protagonismo da arte e da cultura no movimento se reflete também nas postagens do *feed* no seu Instagram, sendo também usado como uma forma de politização em sua comunicação.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De início, nota-se que o MST não estava ocupando o Instagram em períodos cruciais dessa conjuntura. Sua conta oficial foi criada apenas em maio de 2017; quando grandes eventos e marcos políticos já haviam se desenrolado, incluindo Junho de 2013 e a queda da ex-presidente Dilma Rousseff. Em momentos políticos como esses, a ocupação do MST numa rede social em ascensão como o Instagram seria mais uma

---

ferramenta de disputa de narrativa com potencial de causar impactos positivos para a esquerda.

Se por um lado os números do Instagram do MST, entre 2017 e 2018, de forma externa e sem acesso a relatórios mais detalhados, foram positivos; é também preciso notar que os comentários negativos eram bastante frequentes. Esses comentários se comportavam como uma espécie de “sintoma” de um fato já comentado: o MST foi um dos atores da esquerda brasileira que mais sofreu o impacto da desinformação e da despolitização crescente na conjuntura desde 2013. Porém, é justamente por esse fato que muito cabe a hipótese de que o Movimento, ao reagir frente a esse processo, disputando a narrativa hegemônica através da ocupação constante de redes sociais como o Instagram, pode se tornar um grande protagonista das estratégias de comunicação da esquerda brasileira focadas em formação política, e não apenas conquista eleitoral.

É preciso se atentar sobre quais condições estes debates serão feitos; se faz extremamente necessário ter consciência das pautas polêmicas que cercam a conjuntura política e construir os discursos sobre eles de maneira cada vez mais didática sem deixar de lado a complexidade que as envolvem. No percurso de conscientização e politização dentro da conjuntura brasileira, há todo um trabalho de resgate de narrativa a ser feito.

É preciso ser didático sem deixar de ser complexo.

Com um discurso mais inicial e didático presente na rede social do movimento, o Instagram do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra pode ser a porta de entrada de muitos jovens progressistas que, apesar de já terem contato com pautas identitárias, ainda não têm intimidade com questões mais estruturais que a esquerda organizada aborda. Entretanto, para que isso aconteça, dentro do que é do domínio da comunicação, é preciso que mais energia militante e profissional seja dedicada no planejamento e execução das estratégias de construção de discurso no Instagram do MST. É importante que a esquerda tenha a habilidade de construir sínteses que atravessem todas as pautas que constituem seu projeto de mudança, capazes de e desenvolver uma troca de ideias para fora de si; e não somente entre si (FERNANDES, 2019). Além disso, também é importante que tanto o MST quanto os outros atores da esquerda brasileira saibam desenvolver estratégias de discurso e construções de comunicação que mobilize tanto ideais quanto afetos – ou seja, tantos fatos e dados que construam os argumentos, quanto aspectos que alcancem as subjetividades dos sujeitos políticos.

---

Também é necessário que a dificuldade da conjuntura não seja comunicada de forma a desmobilizar; porém, é igualmente preciso que a sua comunicação não se dê de forma a construir a ilusão de um contexto favorável, onde apenas as pequenas e simbólicas vitórias importam. Esse é mais um sintoma mórbido da esquerda brasileira: a melancolia (FERNANDES, 2019). Por isso, se faz necessário a construção do **Otimismo da Vontade frente ao Pessimismo da Razão** (GRAMSCI, 2017) – onde ao encontrar motivos palpáveis e suficientes para desacreditar nas estruturas que constroem a realidade - o pessimismo da razão -, também se encontra a necessidade irremediável de transformá-la - o otimismo da vontade.

Por fim, é importante ressaltar que em nenhum estudo científico de natureza política cabe previsões e/ou suposições certeiras aplicadas ao passado. Assim como também não cabe em nenhuma pesquisa séria sobre as ciências da comunicação prever uma fórmula pronta do sucesso ou do fracasso. Por isso, este trabalho científico traça hipóteses e possibilidades de caminhos, sem premissas definitivas e sujeito ao intemperismo da realidade política e, inerentemente, humana. Afinal, como afirma Safatle (2013), a criatividade política em direção à realização da democracia está apenas começando.

## 6 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **Gramsci e a crítica ao fascismo**. Disponível em: <[https://www.ifch.unicamp.br/formulario\\_cemarx/selecao/2015/trabalhos2015/jefferson%20barbosa%2010383.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2015/trabalhos2015/jefferson%20barbosa%2010383.pdf)>. Acesso em: 26 jun. 2021.

**Dicionário Gramsciano** (1926 - 1937) / Organização Guido e Liguori e Pasquale Voza; Tradução Ana Maria Chiarini, Diego Silveira Coelho Ferreira, Leandro de Oliveira Galastre e Silvia De Bernardinis; Revisão técnica Marco Aurélio Nogueira. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

EL PAÍS. **A máquina de ‘fake news’ nos grupos a favor de Bolsonaro no**

**WhatsApp**. Disponível em:

<[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537997311\\_859341.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537997311_859341.html)>.

Acesso em: 25 jun. 2021.

FERNANDES, Sabrina. **Sintomas mórbidos: a encruzilhada da esquerda brasileira**. 1.ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

FONSECA, A. A. DA. A comunicação nos movimentos sociais: do panfleto de protesto à educação para a cidadania. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 126, p. 67-71, ago. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/514>>. Acesso em: 21 jul. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 52º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MARX, Karl. **O Capital**: Livro 1. 2ºed. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Tradução de Álvaro Pina e Ivana Jinkings. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 1998.

MST. **A História da luta pela terra**. Disponível em: <<https://mst.org.br/nossa-historia/inicio/>>. Acesso em: 22 jun. 2021.

SAFATLE, Vladimir. **Esquerda que não teme dizer seu nome**. 1.ed. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

WISTUBA, V.S. **A comunicação popular no contexto das tecnologias da informação**. Revista Dito Efeito, Curitiba, v. 8, n. 12, p. 154-163, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rde>>. Acesso em: 20 jul. 2021.